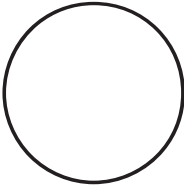


# PROPOSTA DE UM PARQUE NO VELHO TERRITÓRIO DOS ERASMOS

 maciço insular de Monte Serrat-Santa Terezinha, em função de sua macissividade e extensão, pôde preservar, no centro da Ilha de São Vicente, os sinais didáticos de um velho nível de aplainamento em sua cumiada. De um modo bastante visível e fácil de observar, ocorre uma topografia muito suave no topo do morro; enquanto os bordos do maciço, por todos os quadrantes, apresentam vertentes íngremes, descaindo para os sopés, através de vertentes discretamente arredondadas (convexas). A amplitude topográfica entre o topo principal do largo morro em relação às praias, baixadas e estuários circundantes é de duas centenas de metros, em média.

Ainda que sempre tendendo para feições arredondadas ou convexas nos seus bordos, os chamados morros de Santos apresentam setores mais rochosos e setores sujeitos a uma decomposição extensiva, porém irregular em profundidade. As florestas atlânticas ocupavam, na paisagem primária, todos os recantos do maciço, poupando ou deixando de ocupar apenas pequenos setores rochosos da face

AZIZ N. AB'SÁBER

# Engenho dos riscos

atlântica dos morros e uma franja basal de rochedos situados na face interna do importante acidente geográfico. Alguns desses rochedos basais, recém-observados, documentam a ação direta do mar, quando as águas costeiras salinas ocupavam o espaço total da Baixada Santista, desde os rebordos interiores do maciço até a base dos esporões da Serra do Mar, em seu trecho santista. Nessa época, quando o nível de mar esteve a pouco mais de 3 metros do que hoje – durante o período do Holoceno designado *otimo climaticum* –, existia na retroterra do Monte Serrat uma espécie de “mar de dentro”, para usar uma muito velha e arcaica expressão portuguesa. As águas salinas desse paleocanal santista-vicentino certamente se emendavam com o estreito paleocanal da Bertioga. Não dá para comparar a largura dos diversos setores do “mar de dentro”, oriundo da invasão marinha de meados do Quaternário Superior. Isso porque, enquanto a largura do paleocanal da Bertioga possuía no máximo 1 km de largura, a faixa interna de mar da retroterra de Santos ocupava uma faixa de aproximadamente

**AZIZ N. AB'SÁBER**  
é professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da USP, e autor de, entre outros, *Amazônia - do Discurso à Práxis* (Edusp)

7 km, insulando todos os morrotes existentes no meio da Baixada. Ou seja, aqueles pequenos morros isolados na planura, designados *engaguacus* (morrotes com a forma de fundo de pilão), eram parte integrante de um arquipélago de ilhas continentais, que envolvia os maciços das atuais Ilha de Guarujá, Ilha de São Vicente e os aludidos morrinhos florestados. Enquanto as florestas revestiam todos os morros e maciços, esporões e escarpas da Serra do Mar, a Baixada Santista era em grande parte dominada por manguezais e pró-parte por jundus, uma vegetação ou ecossistema adaptado a conviver com os solos arenosos das antigas restingas: uma vegetação dos trópicos úmidos costeiros do Brasil Sudeste, designada *psamofila*. Nos sopés da Serra do Mar, em fundo de vales, havia um outro agrupamento de ecossistemas, dessa vez de planícies aluviais, formando grande contraste com os manguezais da Baixada e dos bordos do Canal da Bertioga.

Tudo leva a crer que o mar, ao regredir do nível de 3 ou 3,5 metros, tenha favorecido a expansão das planícies de marés que vieram servir de suporte ecológico para os manguezais. O corpo principal da planície de marés, superargilosas, deve ter se iniciado por uma espécie de delta intralagunar, gerado no lagamar santista-vicentino, durante o processo regressivo, sob condições tropicais úmidas. As faixas e manchas de areias existentes nas ilhas de Santo Amaro e São Vicente foram geradas antes que os mangues se estendessem e colmatassem a Baixada. Nelas se implantaram os jundus de composição biótica diferenciada em relação ao ecossistema altamente biodiverso das matas tropicais atlânticas da não muito distante Serra do Mar. Existem trechos de jundus sobre o paleotômbolo do sítio inicial de Vila Natal; outros, em manchas de areias, ilhadas em pontos restritos da Baixada; e, por fim, ao longo das restingas geradas na linha de costa (Guarujá, Santos, São Vicente, Praia Grande). Estuários, canais naturais, “largos” e gamboas constituem-se, em grande parte, em remanescentes do lagamar regional, gerado entre 6.000 e 5.000 anos antes do presente.

O fato de o maciço de Monte Serrat-Santa Terezinha possuir uma extensão relativamente grande, no meio da Ilha de São Vicente, possibilitou a existência de uma drenagem própria e singular. Existe uma situação de *chateau d'eau* na pequena hidrografia regional do maciço. Dada a homogeneidade topográfica relativa da larga e contínua cimeira do morro, as águas de chuvas e canaletes de curto trajeto formam um corpo nitidamente centrífugo. Em outras palavras, as águas pluviais que tombam no maciço escorrem para as baixadas por todos os quadrantes do morro, que hoje se comporta como um maciço insular típico.

Nessa condição de discreto “castelo d'águas”, ocorre, entretanto, um pequeno curso d'água que, do alto plano-ondulado, dirige-se para o antiqüíssimo sítio do Engenho dos Erasmos, na traseira do maciço, voltado para São Vicente. Trata-se de um setor do morro pertencente administrativamente a Santos, ainda que muito próximo da divisa com São Vicente.

Para fins de simplificações designaremos a sub-bacia – que desce dos altos para os patamares em rampas e o “pé-de-morro” do maciço – pelo nome de riacho dos Erasmos.

O trecho inferior da sub-bacia do riacho dos Erasmos é um anfiteatro topográfico – em caráter de exceção – entalhado no rebordo do maciço de Santa Terezinha, exibindo vertentes íngremes, cujo topo está a mais de 100 metros. O trecho superior da sub-bacia tem o caráter de um vale suspenso que bruscamente transiciona para o anfiteatro da margem, por meio de uma soleira rochosa granítica, onde ocorre uma pequena e sugestiva cachoeira. Desse acidente fisiográfico, para jusante, o riacho percorre algumas centenas de metros, seccionando patamares de relevo embutidos, e terminando por uma várzea em forma de leque raso. Foi em um desses terraços-patamares que os Erasmos proprietários pioneiros construíram a sede do engenho, usando blocos de rochas semitalhados nas paredes e divisões internas do edifício. As ruínas só puderam resistir a mais de quatro séculos devido ao material rochoso utilizado. Infe-

lizmente tetos e paredes superiores se foram. Daí sendo necessário uma recomposição por um modelo do tipo que se fez, com sucesso, na reconstrução simbólica da Capela do Morumbi, onde a base das ruínas era constituída de taipas com fragmentos de crosta laterítica. No caso das ruínas da sede do Engenho dos Erasmos, o que restou dela é constituído por blocos quadráticos de rochas graníticas ou granitizadas resistentes. As pedras semitalhadas de granitos certamente foram obtidas em arcaicas pedreiras quinhentistas dos arredores. Difícil, hoje, saber qual o local exato das mesmas. Mas possivelmente tratou-se de uma pedreira embrionária, mais tarde ampliada e descaracterizada, existente nas vertentes rochosas do Morro de Santa Terezinha.

O interior do anfiteatro gerado no trecho inferior da sub-bacia do ribeirão dos Erasmos apresentava solos de razoável fertilidade nos patamares-terraços e sobretudo na várzea terminal. E, certamente, sem qualquer dúvida, foi ali na planície aluvial restrita – encarcerada no piemonte do maciço – que se fizeram as velhas plantações de cana para o abastecimento do engenho. Em utilizando as aluviões ricas para culturas tropicais, exatamente onde ocorre uma viçosa e compacta plantação de bananeiras. Segundo nos informaram, trata-se de um espaço pertencente à Associação dos Funcionários da Cosipa, a qual, compreensivelmente, tem expectativas de lucro com o terreno.

Um pequeno estudo de campo sobre a geomorfologia do anfiteatro é necessário, com vistas ao planejamento de um “parque” de funções múltiplas, que envolva o espaço total integrado dos terrenos principais do Engenho dos Erasmos. Tendo como suporte territorial todos os setores do anfiteatro local, desde a pequena cachoeira dos altos até a pequena várzea do pé-do-morro. Um sítio dotado de memória histórica, reciclado para um parque de lazer e cultura.

Logo de início queremos registrar que para ali estabelecer um parque de uso municipal tríplice (Santos, São Vicente, Cubatão) há que se lembrar que o *sítio* do velho engenho induz e inspira, enquanto a

existência das ruínas não totalmente deterioradas exige um tratamento de patrimônio cultural. Para tanto existem órgãos estaduais e municipais para uma defesa inteligente de bens culturais significativos. As ruínas do Engenho dos Erasmos podem ter a mesma importância cultural que se concede aos velhos fortes estabelecidos pelos colonizadores em pontos estratégicos da região de Santos. A vocação de belvederes múltiplos constituídos pelo sítio da cachoeira-soleira a par com os pequenos *replats* da beira íngreme da Estrada da Caneleira constituem outra garantia de sucesso para a organização de um parque de funções múltiplas, bem pensado e estruturado. Trata-se de reaviventar uma visão integrada do pequeno território, paisagisticamente extraordinário, onde funcionou o mais velho engenho do Brasil, de Sudeste e Sul. Não sabemos, mesmo, se não se trata do mais antigo do Brasil.

• • •

O sítio dos Erasmos possuía uma série de atributos para ser escolhido para a implantação de um engenho de açúcar. Não existia no lagamar santista nenhum bom espaço para canaviais. Ou era mangue, ou eram manchas de areias com jundus. Logo depois, na retroterra, existia a Serra do Mar, com suas altas escarpas e esporões florestados. Enfim, um espaço adverso para competir economicamente com a região canavieira dos tabuleiros e massapés do Nordeste. Bem porque São Vicente ficava mais longe da Metrópole do que Pernambuco.

Disso se conclui que o Engenho dos Erasmos, dependente de uma pequena planície aluvial de piemonte, foi utilizado para abastecer São Vicente e arredores. Provavelmente era um engenho em que se produzia um pouco de açúcar preto, rapaduras e aguardente. Seus proprietários, um tanto solistas na região, enricaram rápido, já que puderam construir uma sede sólida, com blocos de rochas cristalinas, retirados de uma arcaica pedreira do bordo rochoso do Morro de Santa Terezinha. A solidez da

construção explica por que sobraram as ruínas do engenho, após mais de quatrocentos e tantos anos.

Em uma síntese rápida, pode-se dizer que o local escolhido para a implantação do engenho era um anfiteatro dos rebordos do maciço, em que existiam baixos patamares embutidos, rasgados pelo riacho que descia rápido lá de cima, e, por fim, formava uma planície tipo “pé-de-serra”, em forma de um leque raso de aluviões. Esse era o quadro fisiográfico ecológico em que foi estabelecido o Engenho dos Erasmos.

Agreguemos, porém, mais algumas ilações importantes, sugeridas pelo estudo do sítio da histórica propriedade rural vicentina. Na época de implantação do engenho, todas as encostas do maciço de Monte Serrat-Santa Terezinha – salvo alguns raros casos de vertentes rochosas – eram recobertas por uma vegetação de florestas tropicais biodiversas, formando, evidentemente, um extraordinário contraste com os extensos manguezais e as pequenas áreas de jundus, predominantes na Baixada. Enfim, o fato de o restrito leque de aluviões dos sopés do anfiteatro proceder dos altos do morro criou uma condição de baixio de pé-de-serra fértil. Ao constatar e escolher aquele sítio para plantio de cana e construção do engenho, os Erasmos deram uma prova de sua acuidade e boa estratégia para obter rentabilidade local em uma atividade agrária, adaptada às múltiplas necessidades dos colonizadores.

O fato de o Engenho dos Erasmos ter sido motivo de muita preocupação de nossos historiadores e cidadãos interessados em bens culturais explica o convênio e parceria que a Universidade de São Paulo manteve com a Prefeitura de Santos, para preservar as ruínas do velho engenho e seu entorno. Certamente, é tempo de retomar a temática do Engenho dos Erasmos, ampliando preocupações e pensando mais ampla e integradamente sobre o espaço total recuperável da antiga propriedade (século XVI). Daí porque, após (re)visitar as íngremes encostas dos morros do maciço de Monte Serrat-Santa Terezinha, termos identificado a possibilidade de se fazer um projeto

dirigido para o estabelecimento de um Parque do Engenho dos Erasmos, com funções múltiplas. A partir dessa idéia fixa, demos asas à inspiração, respaldados na metodologia do grande paisagista Garret Eckbo. Tratando-se de uma área restrita dos bordos do maciço, foi possível, através do reconhecimento paisagístico – geomorfológico, fitogeográfico e peri-urbano –, avaliar todos os atributos do entorno das ruínas para a organização de um parque de interesse cultural, social e turístico, na fronteira de Santos e a velha e modernizada São Vicente, não muito distante do espaço administrativo de Cubatão. Para garantir a futura implantação do Parque do Engenho (dos Erasmos), pensamos em algumas providências e ações preventivas, indispensáveis para tornar factível e garantir o empreendimento de grande interesse para a população de três municípios. E muitos outros. Trata-se de um conjunto de medidas, de baixíssimo custo, que visam identificar o espaço total necessário para instalar o pequeno parque. Ao regressar da viagem a Santos e da excursão ao sítio dos Erasmos – hoje tombado pelo CONDEPHAAT – relatamos ao colega Katinsky nossas preocupações e sugestões prévias para tornar viável, sem maiores interferências, o projeto que nos foi inspirado pelo sítio das velhas ruínas. Trata-se de um rol de ponderações, medidas e negociações que, de início, têm custo “zero”, ou quase “zero”. Vejamos:

- delimitação do espaço total do futuro parque, abrangendo o conjunto do anfiteatro regional, desde a borda baixa da Estrada da Caneleira até o “alto” da cachoeira, os patamares embutidos e a divisa com a propriedade dos “Araújos”; e toda a planície aluvial de pé-de-morro, hoje ocupada por um viçoso bananal;

- gerenciar melhor ou com maior frequência o alto da cachoeira, de onde descem as águas que circulam pela porção baixa das terras do velho engenho, hoje em ruínas. Para tanto colocar placas da Prefeitura Municipal de Santos, no reverso imediato do reverso da cachoeira, com os dizeres rotineiros (“Proibido jogar lixo”; “Proibido construir no entorno de

50 m”); “Área terminal do Parque do Engenho dos Erasmos”);

– caso seja aprovada a organização de um parque no antigo sítio do Engenho dos Erasmos, é imprescindível implantar um sistema de gerenciamento adequado à preservação do espaço total definido para o entorno das ruínas do velho engenho. Pressupõe-se, logo de saída, a colocação de uma guarita no “alto” da cachoeira e, outra, na meia encosta íngreme. Mais tarde, uma guarita nos lados do muro recurvo, com portal de acesso para as ruínas, *vis-a-vis* com o edifício da escola ali existente;

– tomadas as providências, aqui sugeridas, constituir um grupo de monitores, entre os alunos da escola – selecionados e treinados para expor a história e as funções do sítio do engenho colonial, visto em seu conjunto. E explicar a contextura do Parque do Engenho dos Erasmos, em processo de organização. Selecionados os guias mais bem-sucedidos e inteligentes, abrir a visitação das ruínas *sensu stricto*, para pessoas ou pequenos grupos de interessados. Tal experiência prévia de visita deverá ser restrita, na primeira fase, aos sábados e domingos, em horário noticiado. Aos pequenos guias deverá ser concedido uma quantia simbólica pelos seus dias de trabalho. Para evitar qualquer predação, o edifício das ruínas deverá ser envolvido, em uma faixa de 4 ou 5 metros de distância, por uma fita ou corrente simbólica, disposta sobre estacas pintadas de vermelho. Quando se considerar oportuna a visitação, terá que se contratar um guarda, bem treinado, para respaldar o trabalho dos jovens guias. Talvez o Unicef possa bancar os recursos necessários para um pagamento simbólico (*argent de poche*) para os guias que tenham de 14 a 17 anos;

– estabelecer negociações com os proprietários das glebas vizinhas para viabilizar o cenário do futuro Parque do Engenho. Ainda que as ruínas tenham sido tombadas pelo CONDEPHAAT, há que esclarecer aos vizinhos o projeto do parque e as limitações de uso do entorno legal, de 300 metros de raio. Trata-se de uma providência destinada a evitar confrontos e garantir

alianças. Talvez seja necessário fazer uma desapropriação de pequena área, nos lados das ruínas, onde passa uma cerca de propriedade, a poucos metros do bem tombado. Mesmo nesse caso, é de boa indicação realizar negociações prévias, bem argumentadas. Salientamos, ainda, que os bordos superiores do anfiteatro topográfico e as encostas escarpadas vizinhas são áreas *non edificanden*, devido a sua declividade e risco de escorregamentos;

– uma utilização totalmente anômala e intolerável ocorre ao longo do trecho inferior da várzea, onde outrora existiam canaviais e, agora, subsistem bananais. Nessa faixa da pequena planície terminal do anfiteatro pudemos detectar a disposição linear de autopeças oriundas de desmanche de diversos tipos de veículos. A loja de autopeças, situada à frente da rua, aproveitou-se da falta de gerenciamento para ampliar seu depósito de autopeças desmontadas, ao longo das duas margens do riacho dos Erasmos, por dezenas e dezenas de metros. Trata-se de uma ocupação beiradeira irregular, que deve ser eliminada, a fim de que se possa implantar uma vegetação arbórea biodiversa nas margens do pequeno córrego. Ainda uma vez, para evitar confrontações desnecessárias, deve-se realizar negociações argumentadas com os proprietários da casa de autopeças usadas, e com os membros esclarecidos da Associação dos Funcionários da Cosipa. Lembrando sempre que os atuais bananais da pequena e contida várzea podem continuar existindo, em sua grande ou maior parte, no interior do espaço total da região. Há que solicitar permissão para realizar a plantação de uma estreita e simbólica faixa de cana-de-açúcar no entorno dos bananais. Através dessa providência ficam expostos e atendidos, em um só e mesmo espaço, os tipos cultivadores do passado colonial, ao lado da cultura que esteve, muito solista e bem adaptada, na maior parte da Baixada Santista, na primeira metade do século XX.

A listagem das providências iniciais, que vimos de registrar, nos conduzem diretamente para o cenário imaginado para a organização do “Parque do Engenho”. Entre

outras idéias, simbólicas ou funcionais – a serem analisadas pelo “Comissão de Implantação do Parque do Engenho dos Erasmos” –, sugere-se: um projeto de espaço cultural, destinado à Educação Ambiental e Ecológica, incluindo uma biblioteca e documentos sobre o litoral de Santos, a costa paulista e a fachada tropical atlântica do Brasil. Em seguida, a instalação de um viveiro de espécies biodiversas (para fins de reflorestamento de cabeceiras e canais de escoamento) e de plantas ornamentais e frutíferas (para atender a arborização urbana e a formação de pomares residenciais). Antes mesmo de se fazer um concurso para o edifício central do Espaço Cultural, há que se escolher o lugar mais adequado para o pequeno horto, nos bordos internos do patamar de relevo embutido no anfiteatro (margem direita do riacho; longe da várzea, e do outro lado, oposto às ruínas). O acesso para visitação ao “sítio das ruínas” deve ser amplo e bucólico, destinado exclusivamente para pedestres, disposto além da cerca de propriedade inadequada, atualmente existente. Pelo fato de ser vedado, por completo, o acesso de quaisquer veículos no interior do anfiteatro, as interligações a serem esboçadas e implantadas, no interior do parque, terão que ser paisagisticamente muito bem arquitetadas, sob o formato de “quase trilhas”. Um estacionamento, estratégico e bem elaborado, deveria ser projetado na “rua do beco”, onde se localiza o atual portão de entrada para as ruínas e para a escola, em um sítio linear, distante da escola e do portal, em terreno a ser negociado. No alto da cachoeira, onde existe o melhor ponto de observação de todo o conjunto, é indicado remodelar uma pequena área de estacionamento já existente; a par com um projeto a um tempo protetivo e paisagístico do entorno da queda d’água. Nos bordos mais íngremes da Estrada da Caneleira podem ser previstos dois ou três pontos de observação, na forma de pequenos “belvederes” para pedestres, pintores, fotógrafos e jovens estudantes. Guardadas as proteções necessárias para evitar lixo de derruição dos bordos escarpados do anfiteatro.

É possível prever duas atividades extras para o Centro Cultural do Parque: um setor de estudos para a (re)organização de favelas e (re)urbanização progressiva de bairros carentes; e um segundo setor para planejamento ecológico e urbanístico da cimeira e bordos do maciço de Monte Serrat-Santa Terezinha. Tais estudos, necessariamente progressivos, deveriam se iniciar por medidas de melhorias da favela que se estende linearmente após a casa de autopeças usadas; e controle urbanístico dos bairros carentes da sub-bacia do ribeirão do Engenho, em seu trecho de cimeira dos morros.

Ao término da presente proposta de “plano diretor” para a utilização social e cultural contida do anfiteatro, onde foi estabelecido o Engenho dos Erasmos, julgamos de nosso dever comentar a fonte metodológica que nos norteou. De certa forma, adaptamos e reduzimos os passos sugeridos pelo paisagista Garret Eckbo, em seu notável estudo e estruturação de pesquisas, no trabalho designado por *Shelby Farms*. Para reciclar uma grande penitenciária, próxima da área de crescimento de uma grande cidade, Eckbo propôs e condicionou a formação de uma comissão para arrecadar recursos; uma comissão de técnicos especialistas para fazer a cartografia convencional, na escala de planta; uma comissão de geomorfologia para mapear a compartimentação topográfica e as principais feições do relevo; uma comissão de botânicos-fitogeógrafos para mapear a distribuição e a tipologia da vegetação da área em estudo; uma comissão para estudar e analisar o espaço total da gleba, com mapeamento das construções acumuladas ao longo do tempo nos terrenos do antigo presídio rural, com vistas a eliminar algumas instalações incompatíveis com o ideário de um parque metropolitano, e reaproveitar ou reciclar pavilhões, pontes bucólicas ou caminhos paisagisticamente simbólicos; uma comissão para fazer um reconhecimento dos visuais da paisagem da gleba, segundo diferentes pontos de observação, na perspectiva possibilitada por uma visão a partir dos altos, ou dos baixios; e, por fim, uma comissão de inspiração para

reintegrar os novos atributos e funções recicladas no projeto de um parque de dimensões metropolitanas. Por fim, todos os documentos e relatórios das diversas comissões, para a elaboração final da proposta, envolvendo a estrutura definitiva do parque, as funções de seus diversos componentes, e a funcionalidade do complexo de lazer e cultura, que se pretende ofertar à população.

No caso do Engenho dos Erasmos, foi possível observar todas as potencialidades do espaço circundante das ruínas e do anfiteatro topográfico integrado, dos bordos do maciço de Santa Terezinha. No planejamento de um subespaço de menor extensão e mais fácil visualização paisagística – com vistas à estruturação do futuro Parque do Engenho – tudo fica mais factível, sem grandes gastos iniciais e maior demora. Se se tratasse de todo o maciço de Monte Serrat-Santa Terezinha, a metodologia proposta por Garret Eckbo teria aplicabilidade plena, devendo ser empregada quase por inteiro. Felizmente, no caso do velho Engenho dos Erasmos, e em face da pobreza de recursos que caracteriza nossas universidades e nossas prefeituras, pode-se encontrar alternativas de orçamento e de tempo de trabalho, que se aproximam do custo “zero”. Da USP se espera o plano mais lógico, barato e adequado. Dela, ainda, pode partir o rol de plantas biodiversas para o florestamento rendilhado das encostas mais íngremes do anfiteatro topográfico e beirada do ribeirão do Engenho.

Além de um projeto de edificação rasa e funcional para o Centro Cultural e setores de administração, gerenciamento e pesquisas, a serem mantidos em parceria. Do Unicef pode-se esperar o financiamento dos guias e monitores, dirigidos para emprego de jovens de 14 a 17 anos, sob pequena ajuda em dinheiro, alimentação e vestuária. Da Prefeitura de Santos espera-se boas negociações com os proprietários parciais dos terrenos vizinhos e setores da sociedade residente no entorno. Além de comprometimento na análise e avaliação de novas propostas, sejam elas pontuais ou parciais. Sempre através de debates democráticos e sérios!

• • •

**NOTA TRISTE.** A falta de gerenciamento no entorno de bens tombados, de alta significância – um engenho do século XVI, em São Paulo – permitiu que uma casa de peças de desmanche de veículos estendesse por mais de 100 metros, nas duas margens do canal de escoamento do ribeirão dos Erasmos, as ferragens desmanchadas, caoticamente acumuladas. A Prefeitura de Santos e a Universidade de São Paulo deverão corrigir de imediato essa situação absolutamente esdrúxula para o futuro do parque. Sem comentários. Do alto da cachoeira, a excelente visão que se tem da planície de piemonte – lá embaixo – é magnífica, apenas perturbada pelo duplo corredor de postagem de autopeças, na beirada do ribeirão.